

**MAS, E ESSE TAL DE AMOR? O AMOR BURGUEÊS E AS PRÁTICAS DE AMAR
DE UM JOVEM SOBRALENSE NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

GLEICIANE DAMASCENO NOBRE*

Falar sobre a história de amor de um casal, sem buscar a compreensão do que seria esse sentimento, consistiria uma negligência grave. Devemos considerar que, ao longo do tempo, nos deparamos com diversas concepções de amor as quais instruiria sobre como ele poderia e deveria ser demonstrado pelos indivíduos. Os relacionamentos costumavam culminar em uma união diante de Deus e da sociedade, institucionalizando o casamento, o que nem sempre implicava na demonstração de sentimentos e afetos. Até meados do século XIX os enlases matrimoniais dentro das classes abastadas costumavam acontecer no Brasil, de maneira geral, através de acordos entre as famílias dos noivos e por motivos que não correspondiam às sensibilidades e desejos dos referidos.

O casamento, em tal período, poderia acontecer até mesmo sem que os noivos jamais tivessem estabelecido qualquer contato.¹ A cerimônia sucedia através da escolha dos pais, os jovens não manifestavam seus desejos o que acaba nos atestando uma ausência do amor enquanto origem dos casamentos.² E, mesmo depois de consumada a união, os sentimentos que se estabeleciam poderiam ser de respeito, amizade e honra; embora exista a possibilidade de exceções por meio das quais os casamentos arranjados tenham culminado em relações satisfatórias para o casal.

Quando pensamos no amor é necessário que reflitamos acerca da origem desse sentimento. Podemos pensá-lo como algo impulsionador, ou seja, algo que, ao ser apresentado por uma pessoa à outra, cause nela uma reação de correspondência. Referimo-nos a um sentimento que pode ser retribuído a partir do impacto causado pela percepção do outro; até mesmo Platão acreditava que o amor tinha como origem a amabilidade do amado. Seria como se a corrente que chega até o amado, a partir do amante, fosse se intensificando e se transformando ao ponto de estimular um retorno, gerando assim a reciprocidade do sentimento.³ Neste sentido, seria inevitável amar quando se está sendo amado.

* Mestranda em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará - MAHIS. Aluna do curso de Especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Pesquisadora no Projeto: Capitalismo e Civilização nas Cidades do Estado do Ceará (1860-1930) na Linha de Pesquisa em Práticas Urbanas do Mestrado Acadêmico de História - MAHIS.

¹ DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012. p. 157.

² Idem.

³ NÉDONCELLE, M. **Para uma filosofia do amor e da pessoa**. Livraria Moraes Editora: Lisboa, 1961. p. 12.

Os sentimentos acabam por implicar uma espécie de leitura do tempo e da própria história, geralmente os indivíduos são influenciados pelas transformações e acabam alterando suas maneiras de demonstrá-los porque a velocidade das mudanças produz na sociedade sensações que podem variar entre o saudosismo e a angústia. O primeiro porque está se sentindo parte do processo e como tal desfruta de maneira satisfatória ou, no caso do segundo, não consegue alcançá-lo e passa a desenvolver e amargar uma sensação de mal-estar diante do inalcançável.

Percebemos que existe a necessidade de enveredarmos pelos caminhos misteriosos do conceito de amor, mais especificamente de um amor com características burguesas, para compreendermos de que maneira o casal protagonista desse trabalho se situa no centro das intensas transformações pelas quais a cidade de Sobral estava passando.

Sendo assim, pretendemos em um primeiro momento discutir acerca das percepções desse amor burguês, que está alicerçado no romantismo e no cuidado de acompanhar o progresso, sendo estas suas características mais fortes; para em seguida, chegarmos ao segundo momento, que tem a pretensão de perceber os meios de sociabilidade dos jovens Alarico e Candinha, bem como as suas relações familiares, com o intuito de tentar compreender de que maneira esse casal estava inserido em uma mentalidade burguesa advinda de um processo capitalista civilizador.

Edgar Morin acredita que o amor seja, antes de tudo, uma necessidade humana⁴, no entanto o entendemos como algo bem mais complexo, como o reflexo das relações socioculturais de uma determinada sociedade em um dado espaço de tempo.⁵

O avanço do processo capitalista tinha a tendência de transformar as sociedades no que se referia às estruturas urbanas, sociais e culturais; e por que não dizermos também sentimentais? Acreditamos que o Brasil, bem como o Ceará e a cidade de Sobral estavam passando por uma transformação na sua mentalidade, que se desenvolvia, com a passagem do século XIX para o século XX, uma mentalidade burguesa; que teria se originado na consolidação do capitalismo e na implementação de uma vida cada vez mais urbana.

Muito embora o processo capitalista brasileiro, e especialmente nas cidades do Ceará, tenha se dado, inicialmente, por meio de práticas sertanejas, encontramos na transição dos

⁴ MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003. 6ª Ed. p. 17

⁵ Ibidem. P. 17.

referidos séculos, um processo de urbanização, embelezamento e refinamento tanto das cidades como dos gestos; o que aqui compreendemos como processo civilizador capitalista.

No entanto, tratar de uma mentalidade burguesa, não quer dizer que estejamos enumerando uma classe com tal nomenclatura na cidade de Sobral, até porque, não existem registros empíricos de uma autoafirmação de tal classificação por parte dos sobralenses; estamos nos referindo, portanto, a uma cultura com características burguesas. Tais características, segundo Peter Gay, poderiam ser atribuídas a partir da análise das posturas no que tange a uma busca pela amenização e refinamento dos comportamentos bem como, o gosto pelas artes, pelo requinte, pelas práticas letradas; além disso, existia por parte desses burgueses⁶, uma pretensão à respeitabilidade e erudição.⁷

Apesar de se referir à Europa, Gay acreditava que o termo *burguês* era bastante elástico e que poderia ser utilizado de maneiras diferentes, modificando-se de um lugar para outro; mas que mantinha alguns comportamentos e gostos padronizados que se assemelhavam aos elencados acima.⁸ Encontramos esses comportamentos ao nos depararmos com as fontes e com as maneiras pelas quais o próprio Alarico vivenciava a sociedade e seu amor, e que tornar-se-ão mais claras no decorrer do presente artigo.

A percepção de uma mentalidade burguesa é necessária para uma melhor compreensão do que denominamos amor burguês, que carrega consigo as regras do amor romântico. Durante a passagem do século XIX para o século XX, no Brasil, os gestos e as expressões de amor entre membros das camadas mais abastadas da sociedade, eram questões íntimas, não deveriam ser testemunhadas. O amor era algo pessoal e deveria ser silenciado, discreto, não podendo ser demonstrado publicamente.⁹ Tal prática acabou consagrando a separação dos corpos e a restrição do amor a uma idealização da alma.

A ideia do amor romântico e o bloqueio sexual promovido pela separação dos corpos seriam os impulsionadores para a realização do casamento. Nesse sentido, compreendemos o amor, o casamento e as práticas da amar como relações culturais. O amor seria uma

⁶ Assim denominamos àqueles que possuíam e/ou faziam uso de uma mentalidade burguesa.

⁷ MORIN, E. **Amor poesia e sabedoria**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003. 6ª Ed.P. 30-31.

⁸ GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988. p. 30.

⁹ LEITE, Míriam L. M e MASSAINI, Márcia I. Representações do amor e da família. In. D'INCAO, Maria A (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. p. 74.

necessidade, que se tornou mais aguda com o avanço do processo capitalista civilizador, a identificação das relações sexuais, porém, era fruto de ideologias religiosas e sociais.¹⁰

O amor romântico surge no Brasil, no final do século XVIII, coincidindo com o surgimento das novelas; talvez por isso tenha se espalhado tão rapidamente, principalmente entre as moças e mulheres das camadas burguesas. Nele vamos perceber a prevalência do elemento sublime de amar sobre o elemento carnal do desejo sexual, o que acaba promovendo uma separação entre sexo e amor.¹¹ Acreditamos ser necessário entender que o amor, em certa medida, está internalizado nos seres humanos, através de necessidades promovidas pelas convenções culturais, gerando-lhes o anseio de expressar tal sentimento, o que vai ser viabilizado e condicionado a partir da prática da linguagem que, na maioria das vezes e no caso especial de Alarico, vai ser manifestada através da escrita, apontando-nos traços burgueses.

O amor romântico acaba promovendo, no indivíduo, alguns autoquestionamentos por meio dos quais os amantes indagam sobre o sentimento do outro e às vezes indagam um ao outro sobre o mesmo; talvez numa tentativa aflita de ouvir uma breve declaração como melhor perceberemos ao analisarmos os escritos de Alarico.¹²

A atitude do jovem sobralense, por exemplo, de presentear sua amada com cartões-postais que traziam fotografias românticas de casais jovens em posições delicadas nas quais se olhavam, se tocavam, se abraçavam e até mesmo se beijavam, nos mostra não somente seu cuidadoso requinte ao escolher peças refinadas, mas também um contraste entre o que era esperado do recatado e discreto amor burguês. Isso também nos apresenta as contradições que uma sociedade burguesa poderia carregar consigo, afinal, comedimento não era uma característica do rapaz, pois registrava o desespero e a angústia de um enamorado sedento pelo amor de uma bela jovem.

Alarico poderia ter escolhido qualquer outro tipo de artigo (papel de carta, papel para mensagens, bilhete, entre outros) para enviar sua mensagem, afinal o cartão-postal era um artigo que se não fosse escolhido por sua beleza, o seria pela urgência da mensagem, o que não é o caso das correspondências do jovem, já que não fazia uso do sistema dos correios, mas sim de particulares, que supomos, fazer parte do círculo de amigos em comum do casal;

¹⁰ MACFARLANE, A. **A cultura capitalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 176-177.

¹¹ GIDDENS, A. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993. p. 50-51.

¹² Ibidem. p. 56

isso é percebido pela ausência de selos e carimbos da instituição responsável pela coleta e envio de correspondências do período. Acreditamos que estas sejam evidências de que as práticas de amar de Alarico, de acordo com o que vimos discutindo, eram práticas burguesas.

Nesse sentido, é interessante pensarmos o amor enquanto algo intrincado, complexo, formado por componentes dispostos em duas extremidades; na primeira encontramos o componente físico, não restrito apenas às práticas e aos desejos sexuais; e na outra nos deparamos com as esferas mitológicas e imaginárias, juntas elas refletem a necessidade humana de amar. Só não podemos esquecer que esta necessidade é moldada pelas relações culturais e sociais.¹³ Por este motivo acreditamos que, ao deparar-se com novos artigos, com uma nova visão das cidades e dos modos de comportamento empregados devido a aproximação com produtos diferenciados, os indivíduos descobriram modos de adequar tais novidades às suas práticas de amar, às maneiras com as quais demonstravam seus sentimentos e até mesmo o próprio significado do amor.

A partir do século XIX vamos perceber que as cidades começavam a ganhar maior notoriedade quando comparadas ao meio rural, embora ainda não fosse perceptível o requinte e a sofisticação que se tornaram símbolos no começo do século seguinte. Todavia, não podemos acreditar que todas as cidades assimilariam tais transições sem, no entanto, preservar algo de suas antigas características. Quando falamos, especialmente de Sobral, nos referimos a uma cidade que se inseriu nesse processo civilizador capitalista, mas que dividiu tais características com algumas permanências culturais, como por exemplo, as práticas religiosas comuns nas cidades do Ceará.

Devido a essa reorganização do espaço urbano vamos encontrar muitas famílias que passaram a realizar até mesmo cultos religiosos no interior de suas residências. Por este motivo supomos, quando nos referimos à cidade de Sobral, que essa possa ser a razão pela qual muitos lares tenham possuído oratórios, ao redor dos quais as pessoas desenvolviam suas práticas religiosas diárias, que são descritas por Dom José Tupinambá da Frota em seu livro *“A História de Sobral”*, e as quais apresentamos abaixo:

Era interessante o sistema da educação familiar. A base de tudo era a religião. Pela madrugada toda a família reunia-se ao redor do “oratório” das imagens e rezava-se o Ofício de Nossa Senhora, alternando-se na recitação dos versos tão singelos, mas não menos expressivos. [...]
[...] O almoço era geralmente às 9 horas, o jantar às 2 horas da tarde e a ceia depois das Ave-Marias.¹⁴

¹³ MORIN, E. **Amor poesia e sabedoria**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003. 6ª Ed.. p. 16.

¹⁴ FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1974. p. 501.

Tal citação nos mostra um pouco do cotidiano privado das famílias, e também comprova a importância da religiosidade no que tange ao ideal familiar sobralense; o que nos remete a uma mediação religiosa proposta ao amor burguês.

Quando nos referimos à influência religiosa dentro dos lares sobralenses, vale ressaltar que um dos maiores colaboradores para a modernização e desenvolvimento de Sobral tenha sido um clérigo: Dom José Tupinambá da Frota.

Geralmente quando falamos de amor, especialmente de um amor que aqui denominamos burguês, costumamos mencionar as posturas e desejos femininos e esquecemo-nos de refletir sobre o comportamento masculino diante desse sentimento. Entretanto, os homens se apaixonaram e se apaixonam tanto quanto as mulheres; e quando ao homem burguês são atribuídas características de extrema doação, ele costuma tratar a mulher como igual e, em alguns casos, finda por se tornar, em certa medida, um escravo da mulher com quem sonha e almeja construir uma vida.¹⁵

Nesse contexto, torna-se clara a escolha que fizemos em discorrer sobre o amor de Alarico por Cândida como um amor burguês, entendendo-o como um sentimento repleto de características românticas, em que o jovem enamorado se abstém de si próprio e dedica uma parte de seu tempo escolhendo não apenas belos cartões, dos mais variados tipos (tecidos, rendas, alto relevo, pinturas manuais, imagens impressas, entre outros), e que supomos condizer com os mais modernos que havia expostos nos postos de venda; mas também escolhendo belas, sutis e sensíveis palavras na tentativa de transcrever ou simplesmente representar o que a moça simbolizava para ele.

Acabamos de refletir acerca de uma modificação na compreensão de amor a partir das transformações socioculturais ocorridas ao longo do tempo, bem como da difusão das literaturas românticas e das novelas, que apresentava este sentimento como um estado da alma. Concluímos que o amor burguês nada mais é do que um amor com características românticas, vivenciado por pessoas que alcançaram as requintadas e destacáveis características burguesas. Embora no refiramos a uma sociedade no interior do Ceará, o termo burguês tem relevância, pois, consideramos o desejo dos sobralenses em adquirir todo esse requinte e alcançar sua independência econômica; como é o caso de Alarico e do pai de

¹⁵ GIDDENS, A. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993. p. 70.

Cândida; Assim, o gosto pelo requinte, o desejo de erudição e a mediação da religiosidade nos faz perceber características burguesas consolidadas na cidade de Sobral.

Diante do exposto, acreditamos ser necessário, fazer uma análise acerca das sociabilidades do jovem Alarico e da encantadora e silenciosa Candinha, com a finalidade de entendermos em que medida eles se inseriam nessa mentalidade burguesa que findamos por discorrer, para em seguida, compreendermos, através da análise de seus escritos, aquilo que ambos definiriam como amor e que aqui chamamos de amor burguês.

Ao longo do presente trabalho vimos discutindo questões acerca das relações socioculturais existentes dentro dos relacionamentos amorosos, principalmente durante o avanço do processo capitalista civilizador, porém, quando nos referimos a casamentos, existe um ponto que deve ser tratado com bastante relevância: a importância da aprovação da família, não só no Ceará, mas em todo o Brasil. Embora estejamos nos referindo a um período onde o amor romântico prevaleceu e os cônjuges puderam escolher seus pares, a família continuou sendo uma base sólida para as relações matrimoniais; pelo menos no que tange aos exemplos de comportamentos que deveriam ser adotados antes e depois da consumação da união.

Nesse sentido, acreditamos ser oportuno esclarecer sobre o papel das famílias, bem como dos meios de sociabilidade dos personagens aqui retratados, na tentativa de realizar uma breve reconstituição das práticas e comportamentos desses jovens, através da análise dos escritos nos cartões-postais, e também examinando a presença deles nos eventos e grupos sociais pertencentes à elite sobralense da época.

Ao nos referirmos à cidade de Sobral, a presença sempre firme da Igreja para a formação e desenvolvimento das famílias se constatava a partir da formulação de códigos de conduta que eram destinados às elites e que dizia ser competência das mulheres a função de formar eficientemente as futuras gerações.

Com a finalidade de perceber as relações familiares, de sociabilidade e como se deu o relacionamento de Alarico e Cândida ao longo dos quatro anos em que se corresponderam, daremos início a uma análise dos documentos e informações das quais dispomos para conhecer melhor o universo em que tal sentimento era vivenciado por ambos.

Cândida Jacy Mendes nasceu no dia 09 de junho de 1888, filha de Manoel Felizardo Pereira Mendes, Coronel da região, e Maria Cândida Rocha Mendes; possuía 14 anos quando conheceu Alarico, e casou-se com ele aos 18 anos. Pouco foi encontrado sobre a

protagonista dos sonhos do jovem; acreditamos que isso seja reflexo de uma postura adequada para uma moça solteira no início do século XX, discrição e obediência aos pais. Sendo assim, buscamos reconstituir um pouco a trajetória de vida da jovem a partir da análise dos postais que recebera e que, vez ou outra, descreviam as atividades às quais se dedicava. Analisaremos ainda, a forma de como se sociabilizava com seus parentes, especificamente, seu pai e seu irmão José Piragibe Mendes.

Manoel Felizardo Pereira Mendes, pai de Cândida, nascera em Santana do Acaraú, no dia 11 de janeiro de 1849, fixou residência em Sobral juntamente com esposa e filhos quando tinha apenas 16 anos de idade, era chefe de uma numerosa e notável família e importante proprietário de fazendas de gado; segundo o Monsenhor Vicente Martins, aos 92 anos desfrutava, em sua velhice, de uma valiosa fortuna. Casou-se duas vezes, e do primeiro casamento, com Maria Cândida Rocha Mendes, nasceram seis filhos, dentre os quais damos destaque para Candinha, Piragibe e José Aimberé Mendes; do segundo casamento, o fazendeiro teve mais seis filhos; totalizando 12, o que nos mostra que, de fato, possuía uma família numerosa.¹⁶

A família de Cândida apresentava, em sua configuração, pessoas que participavam e atuavam na elite sobralense, seu pai não só havia sido membro da Irmandade Religiosa do Santíssimo Sacramento, como também a presidiu durante um ano, entre 1919 e 1920¹⁷.

As confrarias serviam como instrumentos de ação social, tinham a finalidade de conferir prestígio aos membros, auxiliando-os na sua posição social, por isso acabaram se tornando uma ferramenta de ascensão social.¹⁸ O processo de aceitação de um membro era bastante burocrático, normalmente não era permitida a entrada de pessoas que haviam sido sentenciadas à prisão, nem tampouco àqueles que não possuíam moral e conceito público, os escandalosos, alienados, e outros que tivessem sua imagem corrompida de alguma maneira; também não aceitavam pessoas doentes, idosos e pessoas debilitadas que pudessem prejudicar as economias das irmandades¹⁹. Diante do exposto acreditamos estar nos referindo a membros de uma importante e distinta família pertencente à elite sobralense.

¹⁶ MARTINS, V. **Homens e vultos de Sobral**. UFC: Fortaleza, 1989. P. 281.

¹⁷ FROTA, H. C. **Irmandade do Santíssimo Sacramento**: uma história de fé e honra. Edição histórica e comemorativa organizada pela própria irmandade. S/data.

¹⁸ CAMPOS, E. **as irmandades religiosas do Ceará provincial**: apontamentos para sua história. Fortaleza: Secretaria de cultura e desporto: 1980. p.6-9.

¹⁹ Idem, p.143.

Se a família de Cândida estava entre as mais prestigiadas da cidade de Sobral, podemos supor que a moça apresentava posturas que condiziam com os comportamentos aceitáveis às moças da época. É importante salientar também que a prática de colecionar cartões-postais era atribuída às mulheres e, em grande maioria, às solteiras. Segundo o modelo de família burguesa, a mulher deveria sempre estar ocupada e enquanto não estivesse casada para assumir seus papéis de cuidadora do lar poderia desempenhar atividades manuais e estéticas, dentre elas: piano, canto e, no caso de Cândida, a costura. O interesse feminino pelos postais talvez se devesse ao fato de serem ensinadas, desde pequenas, a gostar do belo, do delicado e até mesmo do moderno.²⁰

A partir da prática da coleção de postais, a moça solteira, além de estar ocupando sua mente, estaria de certa maneira contribuindo para a preservação da memória familiar; pois, se tomarmos como exemplo o caso analisado por este trabalho percebemos que o cuidado de Cândida ao guardar esses postais está proporcionando a oportunidade de compreender as relações amorosas, familiares e socioculturais que giravam em torno dela.

Ainda versando acerca do comportamento atribuído às moças da época e analisando os postais produzidos nos estúdios franceses, que circulavam na cidade de Sobral, e que foram escolhidos por Alarico para remeter à sua amada, percebemos que eles retratavam atitudes que eram comuns às meninas em cada etapa de sua vida. Tal afirmativa pode ser confirmada ao examinarmos uma coleção de três postais, intitulados “*Roman Féminin*” (Romance feminino), estes reproduziam imagens de moças representando as diferentes fases da vida; que, ao passarem pelas mãos de Alarico recebiam uma subjetividade em seus escritos, como podemos ver a seguir:

²⁰ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Cartões-postais**: Fragmentos da memória familiar. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 1999. p. 52-57. (Dissertação de Mestrado).



Imagem 01 - Postal remitido em 28 de Março de 1906.²¹



Imagem 02 - Postal remitido em 28 de Março de 1906²²

²¹ Postal da Coleção: **Uma história de amor contada através dos postais**. Museu Dom Jose, na cidade de Sobral.

²² Idem.



Imagem 03 - Postal remetido em 28 de Março de 1906²³

No primeiro postal, que corresponde ao dia anterior (hier – ontem), percebemos a imagem de uma moça segurando sua boneca, dando o sentido de um momento de brincadeira. Alarico fazia questão de colocar em suas inscrições algo que desse sentido às imagens; ao contextualizar escrita e imagem diz no primeiro: *“Hontem, despreoccupada de todas as cousas da vida, entretinha-se somente com os seus brinquedos, donde lhe vinha toda a felicidade...”*.

Para dar continuidade à narrativa que a série e seu remetente propunham, este enviou o que correspondia ao dia presente (aujourd’hui – hoje) e que trazia a seguinte inscrição: *“Na edade dos sonhos agora, quando tudo são risos, povoam-lhe o espírito illusões [fagueiras] e doces esperanças...”*; acreditamos que neste postal, em específico, o jovem estivesse se referindo ao atual momento que estavam vivendo: o amor e o namoro que compartilhavam, principalmente porque a imagem revelava um casal vivenciando um suave gesto de carinho.

No último postal da série, que recebeu dos estúdios franceses o título: *“Demain”* (amanhã), Alarico descreve para a moça como deveria ser o futuro dizendo: *“Amanhã, desaparecidas todas as illusões, toda a sua ventura consistira em prodigalizar carinhos maternas...”*. Através da inscrição e da imagem estampada na correspondência, visualizamos a configuração de uma família; a moça é representada costurando próximo a um berço, com um sorriso no rosto, o que nos leva a crer que está preparando o enxoval para os futuros filhos que viriam a ter.

²³ Idem.

Esta série retrata muito bem o padrão dos comportamentos que deveriam ser adotados pelas moças, enquanto solteiras e as posturas que adotariam enquanto senhoras casadas, dentro do lar burguês.

Ao redor de Candinha há um silêncio iminente, e acreditamos que isso se dê pelo fato de ela ter sido, conforme supomos, uma moça muito recatada. Até mesmo os livros de biografias que retratavam as mulheres da época, não se referiam a muitas delas, nem mesmo as da alta sociedade; as poucas mulheres que apareciam descritas em suas páginas eram àquelas que se dedicavam à educação. Como a protagonista deste trabalho não fazia parte dessa pequena estatística, não conseguimos encontrar muito a seu respeito; o que muito nos revela sobre como as famílias da elite sobralense educavam suas mulheres.

Apesar de comedida, Cândida nos deixou, através da sua coleção, uma memória que retrata não apenas sua família, mas também suas práticas habituais. Candinha dedicava, boa parte do seu tempo à atividade da costura; percebemos isso a partir da leitura de dois postais, o primeiro remetido por uma amiga, Dolores, que retratamos no primeiro capítulo, falando sobre a beleza de suas fazendas, chegando até mesmo a compará-las com as francesas; o segundo fora remetido pelo enamorado Alarico onde acreditava estar interrompendo as costuras da amada: *“Idolatrada Candinha, Este postal vae interrompel-a um pouco talvez no seu serviço de costura, mas ao menos obriga-a, enquanto o lê, a lembrar-se de quem a não esquece um só instante. Não é assim? Seu muito dedicado Zé Alarico”*²⁴. Embora acreditasse estar atrapalhando a namorada, o jovem faz questão de dizer-lhe que não a esquece; demonstrando assim, sua disposição em agradá-la e em se fazer presente no seu cotidiano. Diante do que expomos até aqui acerca do esmero que Alarico dedicava a Cândida, convém-nos conhecer melhor este jovem, analisando sua biografia e os meios de sociabilidade nos quais estava inserido, a partir dos vestígios que encontramos.

José Alarico da Frota, era filho de José da Frota Junior e Maria Carmina Parente Frota, nasceu em 12 de julho de 1881, na cidade de Sobral. Foi sócio da empresa Frota e Cia e fundou uma empresa de representação através da qual se tornou um agente das principais firmas de todos os estados, de norte a sul do país; tinha uma grande representação junto ao Partido Republicano e era um elemento de grande projeção do mesmo, o qual chefiou por

²⁴ Postal remetido em 20 de Dezembro de 1906.

muitos anos.²⁵ Conheceu Candinha aos 21 anos, durante um baile, no qual obtiveram a primeira valsa, e a partir do qual se iniciou um laborioso cortejo à jovem.

O jovem enamorado participava, juntamente com o pai de Candinha, da Confraria do Santíssimo Sacramento, porém, era comum entre alguns jovens da elite sobralense participar de duas irmandades ao mesmo tempo; mas isso só ocorria com rapazes estimados e honrados. Alarico era um desses jovens, pois, participava também da Irmandade dos Vicentinos.²⁶ Esta confraria possuía como uma de suas funções a assistência aos indigentes que deveriam ser apontados pelos confrades, isto é, tinha como foco a caridade; mas também prezava pelo bom exemplo e boa conduta de seus membros.²⁷

Encontramos informações sobre o jovem Alarico em vários documentos que mostravam sua participação em eventos sociais, diferentemente do que ocorrera com Cândida. O Jornal *O Rebate* costumava noticiar festas como aniversários, casamento, batizados, entre outros; e muitas vezes divulgavam uma lista com os nomes dos rapazes da alta sociedade; ao dar notícias sobre um aniversário acontecido no dia 23 de agosto de 1908, o nome de Alarico aparece na lista dos presentes, juntamente com o de outras pessoas. Neste período Alarico já estava casado com Candinha, no entanto, é difícil afirmar que eles estivessem juntos, visto que, eram citados nas notícias apenas os nomes das mulheres solteiras.²⁸

No ano de 1929, localizamos o nome de Alarico como testamenteiro e inventariante do Monsenhor Antonio de Lira Pessoa de Maria, que fora capelão de Nossa Senhora do Rosário e que em 1919 havia sido agraciado com o aludido título pelo Papa Bento XV. Ao falecer, e por não possuir herdeiro, teve que escolher alguém para representá-lo na figura de um testamenteiro e então optara por Alarico.²⁹

Achamos por oportuno mencionar este fato, mesmo que excedendo ao recorte temporal, para mostrar a influência que o jovem continuava a ter mesmo com o passar dos anos. Chegamos a essa conclusão, principalmente pelo fato de que, segundo o artigo 1.753 do Código Civil de 1916, um testamenteiro era nomeado para cumprir as últimas vontades de

²⁵ MARTINS, V. **Homens e vultos de Sobral**. UFC: Fortaleza, 1989. P. 246-247.

²⁶ DA COSTA, E. M. M. L. **Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses: 1880-1930**. Fortaleza: SECULT-CE, 2011. P. 163.

²⁷ Idem. P. 164-169.

²⁸ *O Rebate*, 29 de Agosto de 1908. *Apud.* DA COSTA, E. M. M. L. **Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses: 1880-1930**. Fortaleza: SECULT-CE, 2011. P. 191-192.

²⁹ Inventário do Monsenhor Antônio de Lira Pessoa de Maria – 1929. Documentação encontrada no acervo do Núcleo de Estudos de Documentação Histórica Regional – NEDHIR – Situado no Centro de Ciências Humanas – CCH – da Universidade Estadual Vale do Acaraú – EUVA – na cidade de Sobral.

uma pessoa (o testador); além disso, segundo o artigo 1.754, do mesmo código, o testador, no caso o Monsenhor Lira, poderia outorgar ao testamenteiro a posse e administração da sua herança, concedendo-lhe os meios necessários para o cumprimento do testamento. Nesse sentido, supomos que, para que uma pessoa como Alarico fosse escolhida com a finalidade de cumprir tais encargos e receber posse dos bens de outrem, esta deveria ser considerada de confiança, honrada e bem respeitada socialmente.

A partir da análise do comportamento dos sujeitos que compõem o objeto de estudo desse trabalho, torna-se mais evidente as maneiras com as quais demonstravam seus sentimentos, e nos permite acompanhar o desenrolar desse relacionamento até o dia do tão esperado “sim”!

Como mencionado, Alarico e Cândida se conheceram em um baile, e a partir da primeira valsa, os corações de ambos permitiram que o amor acontecesse; esse primeiro encontro aconteceu no dia 10 de janeiro de 1903. A partir do ano de 1905, Alarico começa a remeter postais, dos mais variados para a moça, entretanto, isso não significa que tenhamos uma lacuna entre as datas, pois, o jovem costuma se referir em seus escritos, a momentos que aconteceram entre o período em que se conheceram e o início das correspondências: “*Lembrança dos dias de junho, 17 e 23 de junho de 1904*”³⁰. No entanto, é somente a partir de agosto de 1905 que o rapaz começa a escrever com mais frequência, e dentro de seus escritos, percebemos a presença constante de palavras como saudade e sofrer.

Esse espaço transcorrido entre o primeiro contato e as correspondências mais frequentes, pode ter relação com algum problema pelo qual passaram, mas não encontramos maiores informações sobre o que tenha sido e assim não poderemos especificá-lo. Tal fato, porém, é mencionado, mesmo que indiretamente, em dois postais que foram remetidos no ano de 1907, quando então comemoravam exatos 4 anos do primeiro encontro. Neles Alarico revela:

No momento de minha declaração de amor, a grande felicidade de compreender que não lhe era indiferente, que era correspondido na minha sincera afeição... Quatro annos hoje já são passados, e durante todo esse tempo não houve felizmente occasião de arrependimento desse grande amor, a despeito mesmo das dificuldades muitas...

... Que se nos antepuzeram no principio; mas ao contrario vae elle sempre augmentando de forma a nos acharmos agora noivos, prestes a vermos realizados os bellos sonhos que embalam suavemente nossas almas amorosas.

Como é doce recordar tudo isso com satisfação e alegria!³¹

³⁰ Postal remetido em 03 de Agosto de 1905.

³¹ Postais remetidos em 10 de Janeiro de 1907.

Primeiramente, o jovem descreve sua felicidade diante da confirmação de que seus sentimentos eram correspondidos pela moça; e embora estivessem felizes, menciona momento de dificuldades que aconteceram no início do relacionamento. Mesmo não entrando em detalhes sobre os problemas que enfrentaram, questionamo-nos se não foram estes os responsáveis pelo tempo de silêncio entre os anos de 1903 e 1905, período em que não houve envio de cartões-postais.

Com o passar do tempo Alarico escrevia para Cândida com mais frequência, quando não escrevia mandava-lhe postais em série para que ela colocasse em sua coleção. É importante notar que não foi somente a continuidade no envio de cartões que aumentou, mas também a expressividade dos sentimentos por parte do jovem.

A partir do final de 1905 e no decorrer de 1906, palavras como saudade, amor e sofrer, eram constantes nos escritos do enamorado jovem e, muitas vezes, Alarico comparava amor com sofrimento, para ele isso consistia em uma coisa boa como podemos ver na inscrição: *“No amor, os maiores soffrimentos se transformam em gosos para o coração.”*³²

No primeiro dia do mês de Dezembro de 1906, o casal oficializou o noivado; esta informação não nos foi dada diretamente, mas ao analisarmos os escritos de dois postais chegamos a esta conclusão; no primeiro, remetido na referida data trazia a inscrição: *“Á minha adoravel noiva Candida Mendes. Este postal como grata recordação do dia 1º de Dezº 1906 o mais feliz até então da minha vida.”*; já no segundo, o jovem aponta para o tempo de noivado:

Quando nos chega a felicidade, o mundo se nos afigura um paraíso de delicias, onde tudo nos sorri; tudo nos é alegria e satisfação. É o que ora me vae succedendo, durante estes 19 dias em que tenho a grande ventura de ser seu noivo, porque me sinto realmente muito feliz.

O mesmo espero succeda com a minha boa e muito meiga noivinha. Succederá o mesmo? O seu de coração. Zé Alarico.³³

Além de nos remeter ao tempo de noivado, outro ponto importante que merece ser mencionado é o fato de Alarico ter sublinhado a palavra *noivinha*, o que demonstra-nos o desejo do jovem em destacar o novo status de seu relacionamento. O casal contraiu núpcias no dia 25 de maio de 1907; mas até 1989, ano de publicação da obra *Homens e vultos de Sobral* onde estão transcritas as biografias as quais tivemos acesso, não houve registro de que tiveram filhos.³⁴

³² Postal remetido em 28 de Agosto de 1906.

³³ Postal remetido em 20 de Dezembro de 1906.

³⁴ MARTINS, V. **Homens e vultos de Sobral**. UFC: Fortaleza, 1989. P. 74-75.

A data de noivado, conforme pudemos perceber ao analisar cronologicamente os escritos do rapaz, tornara-se um marco divisor, visto que, o sofrimento já não era tão citado quanto no início do relacionamento. Acreditamos que isso se deva a uma possível tranquilidade que a proximidade do matrimônio tenha lhe concedido.

A aspiração de todo historiador é que seu trabalho possa contribuir de alguma maneira para as pesquisas historiográficas de um tempo e em um determinado espaço; conosco não foi diferente, fizemos questão de partir de uma esfera micro com a finalidade de apresentar a todos que o amor é fruto de transformações e implementações de características socioculturais vinculadas a uma mentalidade que pode variar se o deslocarmos em tempo e espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, E. **as irmandades religiosas do Ceará provincial**: apontamentos para sua história. Fortaleza: Secretaria de cultura e desporto: 1980

DA COSTA, E. M. M. L. **Sociabilidade e Cultura das Elites Sobralenses**: 1880-1930. Fortaleza: SECULT-CE, 2011.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012.

FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1974.

FROTA, H. C. **Irmandade do Santíssimo Sacramento**: uma história de fé e honra. Edição histórica e comemorativa organizada pela própria irmandade. S/data.

GAY, Peter. **A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

GIDDENS, A. **As transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

LEITE, Míriam L. M e MASSAINI, Márcia I. Representações do amor e da família. **In**. D'INCAO, Maria A (Org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

MACFARLANE, A. **A cultura capitalista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MARTINS, V. **Homens e vultos de Sobral**. UFC: Fortaleza, 1989. P. 281.

MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003. 6ª Ed.

NÉDONCELLE, M. **Para uma filosofia do amor e da pessoa**. Livraria Moraes Editora: Lisboa, 1961.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **Cartões-postais**: Fragmentos da memória familiar. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, 1999. p. 52-57. (Dissertação de Mestrado).